

OS MARECHAIS DE NAPOLEÃO



Aspirante Arthur Janeiro Campos Nuñez

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito fazer uma breve dissertação sobre a vida e a importância de grandes militares que ajudaram a tornar Napoleão Bonaparte um dos nomes mais conhecidos de toda a História. Para tanto, o artigo abordará a importância dos Marechais de Napoleão, dando destaque a dois deles, não necessariamente os dois melhores ou mais importantes, mas que tiveram a oportunidade de demonstrar o seu valor em momentos-chaves e assim o fizeram.

A IMPORTÂNCIA DOS MARECHAIS

Napoleão Bonaparte sem sombra de dúvida foi um dos maiores líderes políticos e militares de toda a História. Com suas conquistas e com a expansão dos ide-

ais da Revolução Francesa, ele mudou de forma drástica o destino das monarquias e nações europeias. Mas nem mesmo o “Pequeno Corso” seria capaz de fazer tudo isso sozinho, Napoleão foi auxiliado por vários gênios em ascensão, principalmente no campo militar.

A Revolução Francesa permitiu que muitos militares pudessem demonstrar seu valor por dois motivos: o primeiro porque não era mais necessário ser nobre para galgar altas posições no Exército e o segundo porque não faltavam guerras para a França lutar, devido à invasão do seu território por outras nações europeias, que tinham medo de a revolução se espalhar para todo o continente.

Esse cenário possibilitou a ascensão meteórica de Bonaparte e de seus futuros Comandantes de tropa.

Em 1804, quando Napoleão foi coroado, ele promoveu alguns dos seus generais à mais alta patente do exército: Marechal.

Primeiramente, em 1804, Napoleão nomeou 18 Marechais; posteriormente nomeou mais oito, somando ao todo 26 nomes. São eles:

Pierre Augereau
Jean-Baptiste Bernadotte
Francois Lefebvre
Jacques MacDonald
Auguste Marmont
Andre Massena
Bon Adrien Moncey
Eduoard Mortier
Joachim Murat
Michel Ney
Nicholas Oudinot
Dominique Perignon
Josef Poniatowski
Jean-Mathier Serurier
Nicholas Sault
Louis-Gabriel Suchet
Claude Victo
Louis Berthier
Jean-Baptiste Bessieres
Guillaume Brune
Louis Davout
Gouvion St Cyr
Emmanuel Grouchy
Jean-Baptiste Jourdan
Francois Kellerman
Jean Lannes



Louis Alexandre Berthier, Prince de Neufchâtel et de Wagram, Maréchal de France (1753-1815)

mentos-chaves. Um deles foi Grouchy, que não conseguiu perseguir o exército prussiano de Gebhard von Blucher, permitindo que as tropas prussianas se juntassem aos ingleses em Waterloo. Outro, o grande Marechal Michel Ney, lançou uma desastrosa carga de cavalaria contra os ingleses na mesma batalha.

Um Marechal com história bastante curiosa é Jean-Baptiste Bernadotte. Bernadotte ganhou destaque por sua atuação na Batalha de Austerlitz, quando foi agraciado com o título de “Príncipe de Pontecorvo”. Mas, por fatalidade do destino, veio a ser rei da Suécia (rei Carlos XIV da Suécia) e, mais tarde, devido a injunções políticas e diplomáticas, lutou contra os seus antigos irmãos de arma, chegando a derrotar o Marechal Oudinot, em Gross-Beeren, em agosto de 1813, e o Marechal Ney, no mês seguinte, em Dennewitz.

O interessante nessa lista de nomes é que a grande maioria era de origem humilde. Alguns foram promovidos de soldados a generais ainda nas Guerras Revolucionárias. Outros lutaram ao lado de Napoleão nas Campanhas da Itália e do Egito, tendo demonstrado nessas ocasiões serem de grande valia para o futuro Imperador, e o acompanharam desde o início de sua brilhante carreira.

Entretanto, nem todos tiveram pleno êxito em suas carreiras. Alguns desses militares fracassaram em mo-

Da lista de Marechais, os dois cujas trajetórias merecem maior destaque são Louis Berthier e Louis Davout.

LOUIS ALEXANDER BERTHIER

É duvidoso que sem Berthier a excelência do sistema de Comando do Exército napoleônico teria sido tão grande. O brilho deste General consistia em converter as complexas ordens do Imperador para ordens simples aos demais Generais em campanha. Atuando como uma espécie de Chefe de Estado-Maior, Berthier foi fundamental para Napoleão em várias ocasiões. Tal era sua importância que mais tarde, exilado em Santa Helena, Napoleão teria dito que, se contasse com Berthier, não teria perdido em Waterloo.

Nascido em 20 de Fevereiro de 1753, em Versalhes, Berthier era filho de um Tenente-Coronel do Corpo de Engenheiros cartógrafos do Exército francês. Berthier começou sua carreira militar em 1766, tendo seu pai, que também servia no Corpo de Engenheiros, como mestre. Em 1780, foi para a América com o Conde de Rochambeau (General francês que lutou na guerra de independência americana). Voltando dos Estados Unidos, alcançou o posto de Coronel e, neste posto, foi empregado em diversos cargos na área de pessoal e em uma missão militar na Prússia.

A reviravolta de sua carreira foi quando se destacou na importante Batalha de Rivoli, ocasião em que aliviou a pressão sobre Joubert, quando este foi atacado pelo experiente general austríaco Jozsef Alvinczi. Este fato chamou a atenção do então General Bonaparte, que se encontrava em campanha na Itália. Berthier acompanharia o futuro Imperador durante a campanha de 1796, ficando no Comando das tropas estacionadas na Itália depois do tratado de Campo Formio. Além disso, também acompanhou Napoleão na Campanha do Egito e ajudou-o no golpe de 18 Brumário.

Destacou-se, também, na Batalha de Marengo, onde era Chefe nominal do Exército de Reserva, mas na prática continuou a ser Chefe de Gabinete de Napoleão. Nesta ocasião, ficou evidente o brilhantismo desse bravo militar – sua rápida compreensão do terreno e dinamismo foram fundamentais para evitar o revés no campo de batalha.

Após a queda de Bonaparte, Berthier apoiou a restauração Bourbon, mas foi perdoado por Napoleão quando este voltou para o governo dos 100 dias, em

1815. Entretanto, Berthier recusou-se a voltar a pegar em armas pelo Imperador. Foi encontrado morto semanas depois, tendo se atirado da janela do prédio onde estava exilado. Sua morte gera muita discussão até hoje: alguns dizem que ele foi assassinado; outros dizem que pelo estresse de anos de combate teria ficado louco e, ao ver a imagem de tropas prussianas invadindo a França, cometeu o suicídio.

LOUIS-NICOLAS D'AVOUT (MAIS CONHECIDO COMO LOUIS DAVOUT OU DAVOUST, COMO SEU NOME APARECE ESCRITO NO ARCO DO TRIUNFO)

Conhecido como disciplinador, severo e rígido com sua tropa, Davout ganhou o apelido de “Marechal de Ferro”. Mas essas não eram suas únicas qualidades. Talvez tenha sido o único militar a serviço de Bona-



Louis-Nicolas D'avout

parte que tivesse a mesma inteligência tática para o campo de batalha. Juntamente com Massena e Lannes, é considerado como um dos melhores Comandantes de tropa de Napoleão.

Davout passou seus primeiros anos da carreira militar estacionado na fronteira francesa com os estados alemães. Participou das ações em Mannheim, Kehl e Haslach, onde foi capturado por prussianos. Foi libertado após uma troca de prisioneiros de guerra, acordo que a Prússia iria se arrepender mais tarde, visto que Davout iria, mais de uma vez, mostrar suas habilidades militares no campo de batalha contra os próprios prussianos.

Através de seu colega Louis Desaix, Davout tornou-se conhecido de Bonaparte e o acompanhou na campanha do Egito, quando começaria uma grande admiração do futuro Imperador para com o jovem militar que participou com brilhantismo na Batalha das Pirâmides.

De volta à Europa, foi promovido a General de Divisão e comissionado como Comandante da Arma de Cavalaria do Exército. Posteriormente, foi o mais jovem militar promovido a Marechal, em 1804. E não tardaria muito para Davout provar que sua nomeação não foi precipitada. Em Austerlitz ele foi um dos pontos-chave da estratégia de Bonaparte e chegou a tempo de deter o ataque combinado de russos e austríacos no flanco francês, permitindo que o Imperador varresse o centro inimigo com o brilhantismo habitual.

Mas foi em 1806, na Batalha de Auerstadt, que ele realmente mostrou seu real valor. Suas tropas de 26.000 homens lutaram contra um exército prussiano de 50.000 homens bem armados. Na ocasião, as tropas francesas conseguiram deter o avanço do inimigo e infligir uma grave derrota ao orgulhoso exército da Prússia. Entretanto, no mesmo dia de seu brilhante êxito, Napoleão conseguiria mais uma brilhante vitória na Batalha de Jena, diminuindo a notoriedade do feito espetacular do Marechal de Ferro.

Durante a Campanha da Rússia, Davout mostrou seu brilho habitual ao tomar parte em vários embates, sendo responsável por parte da conquista de Smolensk. Na dura campanha russa, ficou conhecido também o episódio no qual Davout irritou o Imperador, ao insistir em um ataque flanqueado aos russos, em vez de atacá-los de forma frontal em uma posição entrincheirada, o que realmente acabou acontecendo em Borodino, batalha que Napoleão venceria com um alto

custo, mostrando que a estratégia de Davout poderia ter sido uma melhor opção.

Davout foi novamente ignorado ao propor uma rota de retirada diferente de Moscou. Mesmo assim, foi-lhe dado o Comando da retaguarda do Grande Armé depois do combate em Maloyaroslavets. Perderia o comando da retaguarda francesa depois de um desarranjo político e por irritar Bonaparte em algumas ocasiões. O Comando da retaguarda seria entregue ao Marechal Michel Ney, que conduziu a retirada com muita bravura e coragem, mas sem o mesmo brilhantismo tático.

Apesar do mal-estar entre Davout e o Imperador depois da desastrosa retirada da Rússia, este confiou ao severo Marechal a defesa da cidade de Hamburgo, que, além de ser um porto de vital importância, situava-se em uma posição estratégica dos estados alemães. Davout montou um modelo de defesa tão rígido e eficiente que a cidade aguentou os assédios inimigos por mais de um ano. Davout só se retirou da cidade em 1814, quando o governo de Luís XVIII condenou a invasão.

Após o retorno de Bonaparte para o governo dos 100 dias, Davout foi nomeado Ministro da Guerra, mas deixado em Paris por motivos duvidosos. O resultado das batalhas de Quatre Bras e Waterloo poderia ter sido bem diferente caso ele estivesse presente no *staff* de Napoleão.

Sem sombra de dúvida, Davout era um gênio no campo de batalha, militar brilhante e de grande visão, mas que poderia ser considerado “míope” nos campos político e diplomático. Davout não tinha paciência para conchavos políticos ou para pessoas que antes de pensar em combater os inimigos da França pensavam no benefício próprio. Considerado como frio e distante por sempre exigir o máximo de seus homens e, nos tempos de paz, preferir ficar em casa ao invés de cultivar uma alta posição social, Davout não angariou a simpatia tanto de seus subordinados como de seus pares. Mas, justamente por não ter se envolvido tanto com a Política, conseguiu uma posição confortável depois da deposição de Bonaparte, como prefeito da pequena cidade Savigny-sur-Orge. Davout faleceu em 1 de junho de 1823, aos 53 anos, em Paris.

CONCLUSÃO

Indiscutivelmente Napoleão Bonaparte foi um dos maiores militares da história, mas muitos de seus feitos



BATAILLE D'JENA, LIVRÉE LE 14 OCTOBRE 1806.

Batalha de Jena

não teriam sido concretizados sem a coragem, determinação, lealdade e habilidade de alguns dos nomes citados neste trabalho. Murat, Ney, Davout, Berthier, Massena e Lannes provavelmente foram os homens de maior importância para o Exército francês da época. Alguns eram conselheiros, administradores ou líderes,

que comandavam a tropa de perto, assegurando que as ordens do “Pequeno Corso” seriam cumpridas à risca. Suas atitudes são mais um exemplo de como a liderança, a hierarquia e disciplina, preceitos fundamentais das Forças Armadas, são instrumentos certos para obter-se a vitória nos mais variados campos de batalha!

BIBLIOGRAFIA

CHAVES, Hugo Jorge de Brito. *Os Marechais de Napoleão*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

FORREST, Alan. *Napoleon's Men: The soldiers of the Revolution and Empire*. Hambledon, 2002.

FRENCH Revolution and Napoleonic Officers. Disponível em: <<http://www.arcdetriomphe.info/officers/>>. Acesso em: 29 set 2013

ROBERTS, Andrew. *A batalha de Waterloo: a última jogada de Napoleão*; tradução de Laura Alves e Aurélio Barroso Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.